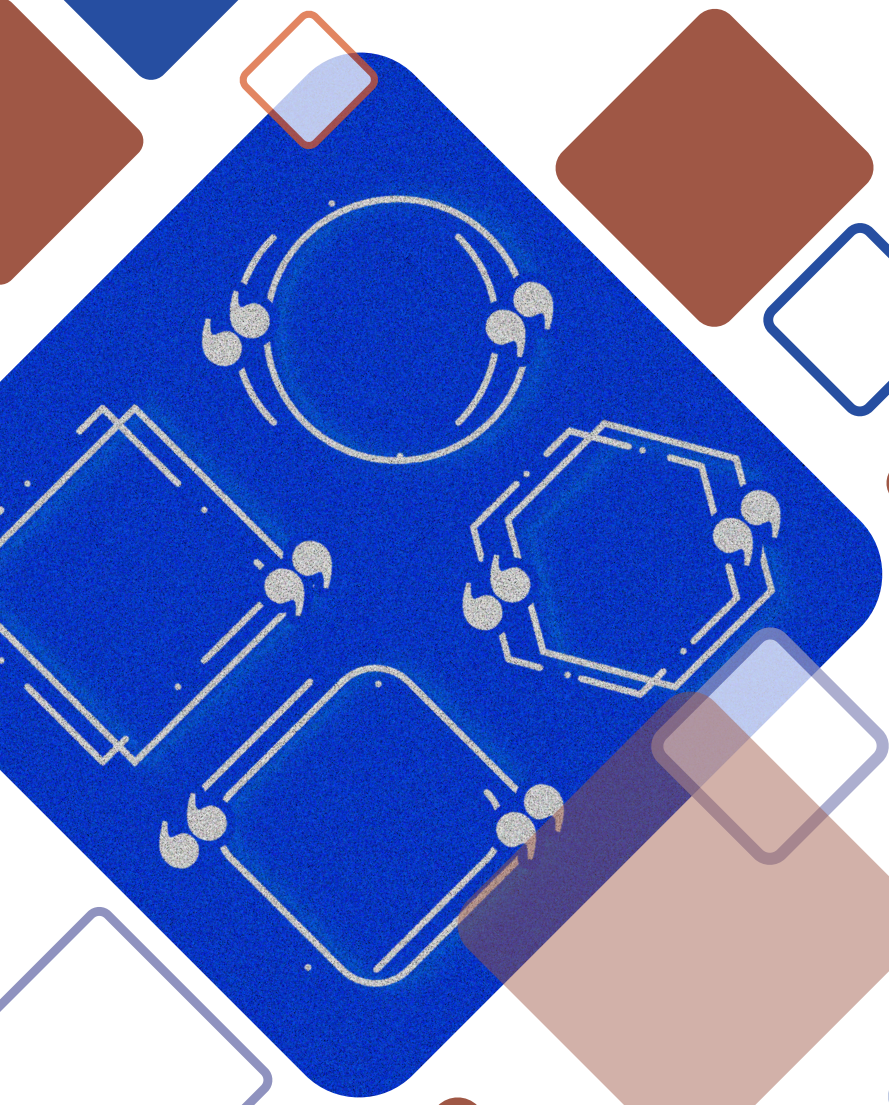
A ARGUMENTAÇÃO NOS DISCURSOS SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

DÉBORA MASSMANN
EDUARDO LOPES PIRIS
(ORG.)



Edufal

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor
Josealdo Tonholo
Vice-reitora
Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti
Diretor da Edufal
José Ivamilson Silva Barbalho

Coordenação editorial
Fernanda Lins

Conselho Editorial Edufal
José Ivamilson Silva Barbalho (Presidente)
Fernanda Lins de Lima (Secretária)
Adriana Nunes de Souza
Bruno Cesar Cavalcanti
Cicero Péricles de Oliveira Carvalho
Elaine Cristina Pimentel Costa
Gauss Silvestre Andrade Lima
Maria Helena Mendes Lessa
João Xavier de Araújo Junior
Jorge Eduardo de Oliveira
Maria Alice Araújo Oliveira
Maria Amélia Jundurian Corá
Michelle Reis de Macedo
Rachel Rocha de Almeida Barros
Thiago Trindade Matias
Walter Matias Lima

Projeto gráfico Mariana Lessa
Diagramação: Mariana Lessa
Imagem da Capa: Freepik
Revisão ortográfica e Normalização (ABNT): Maicon Cerqueira Santos

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Lívia Silva dos Santos – CRB-4 - 1670

A694 A argumentação nos discursos sobre a pandemia da covid-19 [recurso eletrônico] / organizadores Débora Massmann, Eduardo Lopes Piris. - Maceió, AL: EDUFAL, 2021.
106 p. : il.

E-book.
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5624-041-1

1. Análise do discurso - Pandemia covid-19 - Brasil. 2. Negacionismo - Jair Bolsonaro. 3. Pronunciamento presidencial - Pandemia covid-19. 4. Antipolítica. I. Massmann, Débora II. Piris, Eduardo Lopes.

CDU: 81’322.5:578.834(81)

Direitos desta edição reservados à
Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas
Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões
CIC - Centro de Interesse Comunitário
Cidade Universitária, Maceió/AL Cep.: 57072-970
Contatos: www.edufal.com.br | contato@edufal.com.br | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

1

"APENAS UM RESFRIADINHO": A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES NO PRONUNCIAMENTO PRESIDENCIAL SOBRE A COVID-19

Maria Flávia Figueiredo

Valmir Ferreira dos Santos Junior

A maneira como um mesmo discurso pode suscitar ações distintas em um auditório denota uma característica peculiar nas interações humanas: a subjetividade. Tal peculiaridade implica, pois, a compreensão particular daquele que interpreta um determinado discurso.

A Retórica se estabelece como disciplina que visa perscrutar os diversos caminhos argumentativos que um discurso pode percorrer na alma humana e, em decorrência disso, funciona como uma lupa pela qual se pode observar o fenômeno da subjetividade no campo argumentativo.

Em especial, a proposta teórica apresentada por Figueiredo (2018), a trajetória das paixões, aprofunda essa visão teórica da subjetividade da instância do auditório ao dar enfoque ao processo cognitivo-físico que uma emoção percorre na alma e no corpo do homem até sua atuação no mundo. A trajetória das paixões explica, por intermédio de 5 estágios distintos (disponibilidade; identificação; despertar da paixão; mudança de julgamento; e ação), as etapas pelas quais uma emoção passa para ser evocada na alma e no corpo.

Este capítulo lançará mão de tal proposição teórica para refletir acerca de um discurso contemporâneo que angariou imensa comoção mundial: o pronunciamento de 24 de março de 2020 do presidente da República Jair Bolsonaro a respeito da Covid-19 e sua chegada ao Brasil.

Por meio da descrição da trajetória das paixões e da análise de diversos fragmentos do discurso em questão, serão observados alguns dos possíveis auditórios que o discurso atingiu e as variações, em sentido passional, desses auditórios, para compreender a forma com que um discurso de tal magnitude pode impactar a sociedade.

Vejamos, então, de que maneira as etapas da trajetória das paixões nos proporciona um percurso teórico-metodológico capaz de nos auxiliar na análise do discurso em pauta.

Disponibilidade

Para que um discurso logre alcançar o intuito retórico estabelecido pelo orador, com sua tese, é necessário que seja persuasivo. Para isso, é imprescindível que tal discurso evoque emoções no auditório. Não obstante, o orador só poderá despertar emoções em seu auditório quando elas já se encontrarem disponíveis para a sua exploração. Dessa maneira, o orador só conseguirá despertar dada paixão se o auditório possuir uma predisposição cognitiva para senti-la.

Como se pode observar, o estágio da disponibilidade se refere a uma predisposição cognitiva do auditório, anterior ao discurso. Tal espaço cognitivo é constituído pelas experiências e preferências pessoais de cada sujeito, em outras palavras, sua constituição é subjetiva e individual. Portanto, sujeitos propensos, por inúmeros fatores que constituem sua mente, a emoções que permeiam o campo da dor e da raiva possuirão maiores chances de sentir cólera se comparados a sujeitos que estão habituados a vivenciar situações adversas com objetividade e pacificidade, por exemplo.

O estágio da disponibilidade, portanto, é que evidenciará as possíveis paixões a serem despertadas por um discurso. Ademais, é o estágio em que se podem discriminar os diversos auditórios de um mesmo discurso, justamente por desvelar a subjetividade e propensão dos sujeitos componentes de um auditório a uma dada paixão em detrimento de outra.

À vista disso, nesta seção serão apontadas as diversas paixões que o discurso em questão pode despertar, para que o desenvolvimento da análise via trajetória das paixões seja possível.

A primeira paixão escolhida para ser discutida via trajetória das paixões, que pode ser observada como possível paixão despertada no auditório do discurso presidencial de março de 2020, é a confiança.

Aristóteles (Τέχνη ρητορική II, 5, 1383a) define a confiança (também segurança ou esperança) da seguinte maneira: "[...] a confiança é o contrário do [temor; [...] a esperança [ou confiança] é acompanhada da suposição de que os meios de salvação estão próximos, enquanto os temíveis ou não existem, ou estão distantes". Desse modo, Aristóteles descreve tal paixão de forma opositiva ao medo. O estagirita define o medo como um desgosto que se sente em relação a um acontecimento futuro, quando tal acontecimento é danoso e tem grandes chances de nos afligir, ou afligir aqueles que nos são caros. A confiança também é a suposição de que algum evento futuro ocorrerá no curso da vida daquele que a sente, ou na vida daqueles que lhe são caros, mas, ao contrário, não traz consigo o sentimento de dor e sim de prazer, pois apresenta a ideia de que os meios de superação a uma adversidade estão ao alcance.

Figueiredo (2018, p. 146) define a confiança como "[...] o oposto do medo. É acompanhada da esperança (antecipação) das coisas que levam à segurança como algo próximo, enquanto as causas do medo parecem inexistentes ou distantes".

Por intermédio dessas duas definições, podemos observar que aquele que sente confiança está em uma disposição de expectativa de superação de uma adversidade. Além disso, é possível compreender que aquele que sente tal paixão, a sente em relação a algo ou alguém que possa lhe apresentar meios de salvação e, por fim, sente confiança aquele que acredita estar distante do temível e próximo daquilo (daquele) que pode lhe apresentar esperança.

Essa síntese da paixão da confiança nos permite compreender o possível auditório que a sentiria em relação ao discurso de Bolsonaro. Tal auditório é composto de indivíduos que acreditam que o discurso em questão apresente uma saída para uma adversidade que está sendo enfrentada no presente, portanto, tal auditório é constituído por pessoas que acreditam que a tese apresentada pelo orador detém os meios de salvação para a atual crise/pandemia brasileira.

A segunda paixão possivelmente despertada pelo discurso, em um auditório completamente diferente do anterior, seria a cólera. A disponibilidade à cólera pontua outro grupo de pessoas que o discurso em questão pode ter atingido.

O estágio da disponibilidade destaca a significância da subjetividade para a sua construção na psique humana. Por meio da análise deste estágio, fica claro que a construção particular de um sujeito a respeito de sua interpretação de mundo terá papel fundamental na forma com que ele adere, ou não, a um discurso.

No caso do discurso analisado, o estágio da disponibilidade torna patente a forma como um mesmo discurso pode despertar emoções marcadamente distintas.

> Aristóteles (Τέχνη ρητορική II, 2, 1378b) define a cólera como "[...] desejo acompanhado de tristeza, de vingar-se ostensivamente de um manifesto desprezo por algo que diz respeito a determinada pessoa ou a algum dos seus, quando esse desprezo não é merecido". Além disso, o estagirita ainda menciona que "o colérico se irrita sempre contra o homem em particular [...], mas não contra o homem em geral, e isso porque ele fez ou ia fazer algo contra si ou contra um dos seus" (Τέχνη ρητορική II, 2, 1378b).

Figueiredo (2018, p. 145) define a paixão da cólera como:

> [...] impulso de vingança, causado por injustificada negligência em relação ao outro ou aos que são seus queridos. Essa paixão reequilibra a diferença causada pela insolência, pelo despeito e pelo desprezo. Consiste na tentação de causar desgosto ao outro. Tange, portanto, ao pessoal, a questões particulares entre sujeitos.

Por meio da interpretação das duas definições, é possível descrever o auditório possivelmente colérico em relação ao discurso analisado como composto de sujeitos que se sentem pessoalmente ultrajados, menosprezados e desrespeitados pelas afirmações de

Bolsonaro. Tais sujeitos provavelmente possuem o desejo de fazer com que orador sofra em seu lugar. À vista disso, tal paixão é sentida não pela possível classe a que o orador pertença (a de 'políticos corruptos', segundo os coléricos), mas sim por sua figura em específico ser interpretada, por aqueles que poderão se sentir encolerizados pelo discurso, como suja, indigna do cargo que ocupa, deplorável e infame.

Como evidenciado pela descrição anterior, no estágio da disponibilidade, diferentes paixões podem ser debatidas. Porém, apenas a confiança e a cólera serão discutidas analiticamente sob a ótica da trajetória das paixões, haja vista que o intuito do desenvolvimento deste capítulo não é esgotar as possibilidades analíticas, mas sim apresentar uma nova perspectiva teórica no campo da Retórica. Dito isso, o próximo estágio da trajetória das paixões será apresentado e discutido a seguir: a identificação.

Identificação

De acordo com Figueiredo (2020), o estágio da identificação lida com a forma com que um sujeito se identifica com aquilo que o remete a ele, que fala da sua história, que dialoga com as suas lembranças, que respeita sua escala de valores, que trata de temas que lhe são caros, que lhe faz lembrar pessoas amadas, que lhe transporta para situações marcantes (quer se trate de momentos felizes, quer se refira a ocasiões traumáticas). Dessa maneira, a identificação ocorre quando revela ao sujeito quem ele é, mesmo que ele não tenha plena consciência disso.

Em consonância com a definição anterior, encontra-se a seguinte reflexão de Michel Meyer (2000, p. XLII): "[as paixões] informam-me sobre mim e sobre o outro tal como ele age em mim".

Neste estágio, portanto, os sentidos mobilizados pelo discurso de Bolsonaro ganharão compreensões subjetivas, particulares, que guiarão o despertar de uma paixão em detrimento de diversas outras.

Para o auditório confiante, a identificação pode permear as ideias presentes no discurso do orador que remetam às noções de que a crise será superada e de que o governo é capaz de lidar com o problema que se apresenta à nação. Em contrapartida, o auditório colérico pode identificar os temas de negligência e descaso no discurso em questão e identificar-se na posição de cidadãos injustiçados por aqueles que detêm um poder que supostamente é concedido para lhes garantir a justiça. Dessa maneira, a identificação está nas noções de fantasia e memória suscitadas pela interpretação do discurso de Bolsonaro por parte do auditório colérico.

Os dois estágios descritos e discutidos até aqui (disponibilidade e identificação) garantem o desencadear do processo do despertar das paixões na alma humana. Tal processo, no estágio subsequente, deixará de ser apenas cognitivo, psicológico e passará a ser físico e permear também o corpo daquele que sente dada paixão.

Despertar da paixão

Neste estágio, como pontua Figueiredo (2020), o auditório, após vivenciar os processos identitários (provenientes do discurso do orador), passa a experienciar as alterações e os processos fisiológicos que lhe ocasionarão as sensações de prazer e/ou dor, descritas por Aristóteles em sua Retórica. Assim, é possível compreender de que forma as paixões afetam não somente a alma, mas também, e, sobretudo, o corpo de quem as sentem.

O despertar da paixão, à vista disso, funciona como uma ponte entre a mente e o corpo. A paixão despertada deixa de existir apenas na alma e passa a afetar a instância física do homem.

Vejamos o que se passa especificamente com o auditório confiante. Os seguintes excertos do discurso serão apresentados por possivelmente despertarem, nesse auditório, a paixão da confiança:

> [1] Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um sinal amarelo. [2] Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. [3] Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.

O excerto citado pode despertar a confiança, naqueles que acreditam que o discurso em questão apresenta meios de salvação em relação aos males trazidos pela Covid-19, quando apresenta em: (1) os possíveis feitos do presidente da República e seu governo para salvar cidadãos brasileiros, além da organização para o enfrentamento de uma crise; (2) a preocupação do presidente com os efeitos da doença caso chegasse ao Brasil; e (3) a organização do ministro da saúde, também médico e, portanto, referência na área da saúde, como peça central na organização do governo contra a doença.

A função desses três argumentos, para o auditório disponível à paixão da confiança, é apresentar o orador e seus aliados como competentes no combate à crise e à pandemia, como evidenciado anteriormente.

Nos excertos a seguir, a paixão da confiança também pode encontrar ressonância para atuar na alma humana, ao menos naquele auditório descrito anteriormente como pessoas que acreditam que o discurso do orador apresenta meios de salvação.

> [4] Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um

> cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. [5] Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. [6] O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.

Em [4], o orador apresenta as adversidades e a falta de apoio que sofreu em relação à imprensa brasileira, ao afirmar que a mídia mentiu e teve a intenção de criar o pânico na população. O excerto [5] complementa a ideia do trecho anterior e tem a função de creditar veracidade ao que o orador afirma, quando menciona que os pronunciamentos midiáticos agora refletem a verdade. Em [6], o orador afirma que o vírus entrou em território brasileiro e diminui seu risco, ao afirmar que 'brevemente passará', além de complementar o comentário com 'nossa vida tem que continuar' e 'os empregos devem ser mantidos'.

Para o auditório disponível à confiança, os trechos acima podem passar a ideia de que o presidente, mesmo contra a mídia, sempre apresentou explicações corretas a respeito da covid-19, o que fica patente na mencionada 'retificação' das informações dos meios de comunicação. Ademais, ao afirmar que o vírus 'brevemente passará' e declarar que os empregos e vida devem permanecer sem mudanças, o orador pode cultivar a paixão da confiança no auditório disponível a ela por demonstrar que detém controle da situação.

Os últimos trechos que podem auxiliar no processo do despertar da confiança no auditório a ela disponível são os seguintes:

> [10] Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença. [11] Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde: médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores, que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam. [12] Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa Pátria querida.

Em [10], o orador pode almejar criar a proximidade com o auditório que compartilha de valores religiosos e que tem fé de que a justiça divina proverá os meios para a superação da adversidade criada pela Covid-19. O trecho [11] traz um breve cumprimento do orador aos sujeitos envolvidos diretamente no combate à pandemia. Já o [12] arremata o discurso analisado ao reapresentar um ponto principal da tese defendida pelo orador: o combate à crise sem 'histeria' ou 'pânico'. Ademais, por meio da frase 'Estamos juntos, cada vez mais unidos', o orador apresenta um argumento de comunhão que evidencia sua tentativa de aproximação do auditório.

Para o auditório colérico, Bolsonaro, com seu discurso, reforça as concepções e imagens negativas que detém para a parcela da população que não credita confiança em seus atos e pronunciamentos.

Com intuito econômico de redação, os trechos citados anteriormente serão apenas referenciados pela numeração que organiza o discurso em fragmentos (o texto pode ser conferido integralmente no final deste capítulo).

Os trechos [1], [2] e [3] podem despertar a cólera no auditório que não confia no orador por compreender as afirmações de Bolsonaro como mentirosas. Para o auditório disponível à cólera, afirmar que o governo de Bolsonaro 'resgatou' cidadãos, 'se organizou' contra os perigos trazidos pelo vírus e 'mobilizou' governantes junto ao ministro da saúde para traçar um plano de contenção da Covid-19 pode ser interpretado como mentira e, por consequência, como menosprezo, desdém, por parte do presidente em relação a sua pátria e aos cidadãos que a compõem.

Justamente por propiciar a leitura do discurso como carregada de desdém é que os trechos referenciados podem despertar, no auditório, a paixão da cólera.

Os trechos [4] e [5] também podem apresentar um gatilho à cólera àqueles disponíveis a tal paixão, uma vez que, para esse auditório, o orador manipula uma narrativa em seu favor: sua incessante briga com a mídia em qualquer matéria que cobre algum de seus atos. Ao tentar enfatizar que sua exposição dos fatos é verdadeira, em detrimento da exposição apresentada pelos meios de comunicação, o orador pode novamente fazer com que o auditório se sinta menosprezado, o que o levaria a experimentar a cólera.

No fragmento [6], o orador confirma que o vírus alcançou o território brasileiro, mas tenta diminuir o possível medo que tal afirmação pode causar por meio da declaração: 'brevemente passará'. A escolha argumentativa do orador, em particular nesse fragmento, pode funcionar a seu desfavor e, por consequência, despertar a paixão da cólera. Ao invés de diminuir a preocupação trazida pela chegada do vírus, o uso de 'brevemente' pode ser considerado como um ato de imprudência e até mesmo de desdém por aqueles que não concordam com o posicionamento do orador. Haja vista, a escolha de tal estratégia argumentativa pode ser compreendida como um desacato às necessidades e preocupações dos brasileiros e pode, então, levar certa parcela do auditório a experienciar a cólera, como mencionado.

Os trechos a seguir também podem evocar a cólera nesse auditório:

> [7] O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso

> se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.
> [8] No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

O orador, em [7], afirma que os cidadãos devem retomar suas atividades profissionais para que os meios financeiros que garantem suas sobrevivências sejam mantidos e, assim, o sistema monetário siga seu curso normal.

Para o auditório que não confia nas intenções de Bolsonaro e não aceita a tese por ele proposta em seu discurso, o trecho [7] pode desvelar a verdadeira intenção do orador: fazer com que os cidadãos mantenham o neocapitalismo brasileiro em funcionamento, mesmo que eles coloquem suas próprias vidas em risco, para que uma crise financeira não traga críticas ao setor econômico do governo Bolsonaro.

Em junção com a estratégia malsucedida do uso de 'brevemente passará' (que, para esse auditório, minimiza, de maneira inconsequente, os efeitos da Covid-19), o argumento apresentado em [7] pode ativar contundentemente a paixão da cólera por ser compreendido como um ato de extremo desdém do presidente, que supostamente teria função de zelar pelos cidadãos de sua pátria e não pela imagem de seu governo.

Em conclusão à análise do trecho [7], é possível discutir acerca da compreensão da palavra 'normalidade' para o orador. A escolha desse termo pode apresentar, para o auditório possivelmente colérico, uma profunda contradição. Tal auditório pode se indagar a respeito da real existência de uma 'normalidade' em meio à pandemia causada pelo vírus, que o orador confirma ter alcançado o solo brasileiro. Mais uma vez, a estratégia argumentativa do orador pode auxiliar na depreciação de sua tese, bem como a provável negação dela.

Outra estratégia argumentativa adotada pelo orador, que pode igualmente atuar em seu descrédito para o auditório disponível à cólera, é o uso do termo 'poucas' ao fazer referência às autoridades que se opõem à sua opinião. Tal como o uso de 'brevemente' e 'normalidade', o emprego de 'poucas' pode ser interpretado como uma tentativa de manipulação da narrativa tecida pelo orador a respeito da Covid-19 no Brasil e, consequentemente, potencializar o despertar da cólera.

Para a continuação do desenvolvimento analítico do trecho [7], é válido mencionar a existência de uma contradição, ao menos, para o auditório colérico. Quando o orador menciona que o país deve voltar 'à normalidade', mas preservar os idosos, uma incoerência pode ser identificada por aqueles que atribuem descrédito ao discurso de Bolsonaro. Portanto, questionamentos desta natureza podem ser suscitados: 'como podemos retornar a uma suposta normalidade e isolar os idosos ao mesmo tempo?'. Em decorrência disso, o processo de invalidação da tese apresentada pelo orador pode ser desencadeado e, por sua vez, isso

pode auxiliar no despertar da cólera. Sendo assim, tal argumento pode se apresentar como uma solução demasiadamente generalizadora para um problema complexo, que demandaria mais cautela em sua consideração, e isso pode corroborar o insucesso do discurso para essa parcela do auditório.

No fim do trecho [7], outro argumento pode suscitar a cólera no auditório que não compartilha da visão apresentada pelo orador a respeito das variáveis implicadas pela Covid-19 na sociedade. O orador, na conclusão do trecho referenciado, busca tranquilizar a população que teme os efeitos do novo vírus que está atacando o mundo inteiro, porém, para o auditório colérico, quando menciona que a população em risco são aqueles com mais de 60 anos, o orador menospreza e exclui parte dos brasileiros. Tal menosprezo é uma das características do despertar da cólera e pode justificar a existência de tal paixão no auditório em questão.

Grande parte do trecho [8] também demonstra uma tentativa do orador de minimizar os riscos da Covid-19 para fazer com que o auditório adira à sua tese. No entanto, tal fragmento discursivo pode incitar a cólera por apresentar uma suposta mentira aos olhos do auditório que não confia em Bolsonaro, e, em função disso, ser compreendido como desdém do presidente em relação aos brasileiros.

O fragmento [9] possivelmente também apresenta subsídios para o despertar da cólera no auditório mencionado.

> [9] Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite.

Para reforçar sua tese e angariar a adesão de seu auditório, o orador lança mão do argumento de autoridade ao mencionar instituições de renomado crédito perante a sociedade. Tal estratégia pode obter sucesso junto ao auditório disponível à confiança. Em contraposição, para o auditório suscetível à cólera, o fragmento em questão pode ser interpretado como oportunista e mentiroso, além de apresentar afirmações generalizadoras como 'nosso governo tem recebido notícias positivas'. Para este auditório, a simples menção de suposta comprovação dos efeitos positivos do medicamento, sem menção de fontes confiáveis que possam fundamentar tal afirmação, é suscetível de suspeita e, logo, de descrédito. Esse descrédito pode ser compreendido, pelos coléricos, como mentira e, por consequência, como falta de zelo do presidente para com os cidadãos. O que demonstra que ele mais vê os brasileiros como combustível do veículo financeiro do país do que como vidas que precisam ser preservadas. Para o auditório colérico, portanto, os valores do presidente são: o dinheiro, o afastamento da crise e a retomada das atividades financeiras, mesmo que custe a vida dos que estão sob a égide de seu governo.

Se formos considerar os dois auditórios analisados no que tange a passagem da mente para o corpo no processo do despertar das paixões, observamos que, para aqueles que sentem a confiança, as sensações de alívio e conforto podem ser experienciadas, já, para os coléricos, a angústia, a ira e todos os seus efeitos afins podem se manifestar fisicamente.

O estágio do despertar da paixão, portanto, descreve o combustível físico que será responsável pelo alcance dos dois últimos estágios posteriores: a mudança de julgamento e a ação.

Mudança de julgamento

O quarto estágio, mudança de julgamento, relaciona-se com a ideia de transformação de um ponto de vista. Nessa etapa, a pessoa acometida por uma paixão em ambas as instâncias, psíquica e física, constrói uma nova visão a respeito daquilo que está em pauta.

No caso do auditório confiante, a transformação pode ocorrer em função da concepção de que o discurso do orador apresenta uma saída para a situação crítica vivenciada. Na contramão, o auditório colérico passa da possível rejeição à tese para a vontade de fazer com que o suscitador de sua ira sinta o mal que instigou. No segundo caso, a mudança de julgamento é o que reforça, de uma vez por todas, a negação da tese proposta pelo orador.

Ação

Por fim, encontra-se o quinto e último estágio da trajetória das paixões: a ação. Nele, a paixão que foi semeada cognitivamente na disponibilidade do auditório, e foi transportada da cognição para o corpo, extrapola para o mundo em forma de uma reação, uma resposta em consequência a todos os estímulos provenientes de um dado discurso.

Em sentido retórico, essa ação se manifesta por meio de duas alternativas: a aceitação ou a negação da tese apresentada. Claramente, àqueles confiantes, a aceitação da tese de Bolsonaro parece razoável e, até mesmo, apresenta-se como o único meio de superação da situação adversa em que o auditório se encontra. Em oposição, os coléricos rejeitarão a tese apresentada pelo orador por parecer ultrajante aos seus valores e à sua subjetividade.

Discussão

Por meio do desenvolvimento da análise via trajetória das paixões, os seguintes pontos podem ser observados: (1) um discurso paradoxal, como o selecionado para análise, muito provavelmente dividirá aqueles que o testemunham em diversos auditórios, de acordo com as paixões por eles vivenciadas; (2) a concepção cognitiva e física que constitui o todo humano é uma máquina imprevisível para o analista do discurso, isso fica patente no fato de um mesmo discurso inegavelmente despertar paixões e encaminhar a ações diversas; e (3) um discurso da magnitude do selecionado para análise deve ser considerado, ponderado e analisado, uma vez que tais processos auxiliam na conscientização e evidenciação dos intuitos comunicativos do orador para com seu auditório.

Em adição aos pontos anteriores, é profícuo destacar a forma com que o discurso em questão deve ser discutido por aqueles que detêm as ferramentas de análise adequadas. Além disso, tal discussão é produtiva se considerarmos que a apresentação de tal discurso à sociedade em geral auxilia na construção de uma análise crítica a respeito das falas e pronunciamentos que permeiam a esfera social.

Por fim, é necessário destacar a importância da trajetória das paixões para o desenvolvimento deste texto, uma vez que foi por intermédio desse recurso teórico-metodológico que a interpretação de como uma paixão é despertada na alma humana se fez possível. Por sua vez, esse caminho analítico pode ser visto como uma sugestão para a análise das emoções humanas em sentido retórico.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Clássicos).

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda, 2005.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitada. *In:* LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo; MANFRIM, Aline Maria Pacífico; FIGUEIREDO, Maria Flávia (org.). **O texto**: corpo, voz e linguagem. Franca: Universidade de Franca, 2018. (Coleção Mestrado em Linguística). p. 141-158.A

FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da "trajetória das paixões". *In:* FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ, Luana (org.). **Trajetória das paixões**: uma retórica da alma. Franca: Universidade de Franca, 2020. p. 29-55.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). *In:* ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

MEYER, Michel. **A retórica**. Revisão técnica de Lineide Salvador Mosca. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007. (Série essencial).

PLANALTO. Pronunciamento **do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020)**. 2020. (4m58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em: 17 jun. 2020.

Anexo: Transcrição do discurso de Bolsonaro em 3 de março de 2020.

[1] Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um sinal amarelo.

[2] Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil.

[3] Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

[4] Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.

[5] Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial: pede calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.

[6] O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.

[7] O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transporte, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

[8] No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou *resfriadinho*, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

[9] Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite.

[10] Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.

[11] Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde: médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores, que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam.

[12] Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa Pátria querida.